

A PERCEPÇÃO DO ESTUDANTE DE PEDAGOGIA SOBRE ENSINO E METODOLOGIA DA GEOGRAFIA

Cláudia Márcia Romano Bernardes Silva¹

Jackeline Silva Alves²

RESUMO

A educação não é apenas a transmissão de preceitos sobre o processo de conduzir a sociedade e os estudos sobre o ensino e metodologia passam pelo crivo dessa, mediante a criação de Matrizes Curriculares que norteiam a educação escolar. O objeto de estudo, portanto, recai em como o estudante do curso de Pedagogia, que tem como elemento primeiro, a educação em si, percebe o ensino e a metodologia da Geografia, quando recebe esses conhecimentos em sala de aula. O objetivo dessa pesquisa consistiu em entender como o futuro pedagogo compreende os desafios, as oportunidades e as possíveis formas de contribuição da disciplina geográfica para o desenvolvimento cognitivo e afetivo do discente para com a ciência geográfica, bem como apreende o conteúdo geográfico do ensino fundamental por meio de metodologias próprias da geografia escolar. Sabe-se que a Geografia, enquanto ciência, bem como o ensino da geografia escolar experimentou e experimenta as mudanças que são reflexos de uma ciência em evolução. Por um longo período foram tecidas críticas à geografia por se apresentar como uma disciplina decorativa/memorativa ensinada quase sempre de forma tradicional e enciclopédica, que trás em seu bojo, os ranços das escolas de pensamentos as quais fundamentaram as bases epistemológicas dessa ciência. A Geografia necessita de metodologias que amparem a disciplina escolar tornando o ensino/aprendizagem desse importante componente curricular mais atrativo e motivador para o educando. Para tanto, autores como Selbach (2010); Libâneo (1994); PCNs (1997); Moreira (1990) dentre outros foram estudados e utilizados nesse artigo.

Palavras-chave: Educação. Pedagogo. Ensino/metodologia da geografia.

INTRODUÇÃO

Em se tratando de estudos referentes ao ensino e metodologia não se pode furtar de voltar-se à educação e refletir que ela, não é apenas a transmissão de preceitos concedidos pelos antepassados, mas um processo que com o passar dos tempos vai-se modificando e os velhos conceitos educacionais cedem espaço aos novos. As sociedades possuem diferentes modos de educar e em cada uma delas há uma forma de resguardar o que lhe é tradicional em detrimento ao que se coloca como contemporâneo e em outras culturas, a mobilidade entre o antigo e o novo, desafio de educar modernamente, principalmente, nos centros urbanos.

Em uma pequena incursão sobre a educação na Europa notar-se-á que na modernidade, a partir do século XVII foi-se consolidando processos modificados estruturalmente à época da Revolução Industrial (séc. XVIII na Inglaterra), a revolução

¹ Professora Ms. do Curso de Geografia da Universidade Estadual de Goiás - Câmpus de Morrinhos. cmrbs12@gmail.com

² Professora Ms. do Curso de Geografia da Universidade Estadual de Goiás – Câmpus de Morrinhos. jackgeo17@gmail.com

democrática (França-1789) e a educacional (a universalização da educação formal), que se completa no século XX. Esses fenômenos não foram simultâneos e nem geograficamente homogêneos e extensos (ALBUQUERQUE, 1993, p. 17).

A estruturação desses fenômenos ocorreu de forma diferenciada nas Américas sendo que na América do Norte a modernidade acompanhou a modernidade europeia e a América Latina coloca-se como “retardatários à industrialização” e o desafio é a consolidação democrática e também a corrigir a desigualdade social. Particularmente, no Brasil, a crise econômica marca o país prejudicando-o na transição para a modernidade, devido às altas inflações dívidas externa provocada por uma política econômica desestabilizada, desde o princípio dos anos de 1980.

Essa política se prolonga e afeta todos os setores da vida econômica e social dos brasileiros e da educação escolar, que sobremaneira, se ressentem, mesmo porque, o problema educacional está intimamente ligado à família que já não exerce seu papel tradicional de socialização vinda intensificar as dificuldades da família em acompanhar o desempenho e dificuldade dos educando na escola, corroborando para acentuar ainda mais esse problema a chamada progressão continuada, o despreparo dos profissionais no uso das tecnologias e a desvalorização salarial. Em pleno século XXI, ainda prevalecem às dificuldades para a realização de uma escola que atenda as necessidades da sociedade contemporânea e condições de oferta do ensino que interfira positivamente, no processo de uma educação de qualidade.

Sabe-se que a Geografia, enquanto ciência, bem como o ensino da geografia escolar experimentou e experimenta as mudanças que são reflexos de uma ciência em evolução. Por um longo período foram tecidas críticas à geografia por se apresentar como uma disciplina decorativa/memorativa ensinada quase sempre de forma tradicional e enciclopédica, que trás em seu bojo, os ranços das escolas de pensamentos as quais fundamentaram as bases epistemológicas dessa ciência.

A Geografia necessita de metodologias que amparem a disciplina escolar tornando o ensino/aprendizagem desse importante componente curricular mais atrativo e motivador para o educando. Para tanto, autores como Selbach (2010); Libâneo (1994); PCNs (1997); Moreira (1990) dentre outros.

Sabe-se que a palavra educação vem do latim *educare* possuindo em seu significado o alimentar, o nutrir, o criar, uma manifestação cultural e que depende da sociedade que a nutre pelas gerações adultas, definição clássica de Durkheim. É a educação que norteia os valores,

normas, usos, costumes e conhecimentos às gerações futuras para a subsistência do grupo como tal.

O objeto de estudo, portanto, recai em como o estudante do curso de Pedagogia, que tem como elemento primeiro, a educação em si, percebe o ensino e a metodologia da Geografia, quando recebe esses conhecimentos em sala de aula. O objetivo dessa pesquisa consistiu em entender como o futuro pedagogo compreende os desafios, as oportunidades e as possíveis formas de contribuição da disciplina geográfica para o desenvolvimento cognitivo e afetivo do discente para com a ciência geográfica bem como apreende o conteúdo geográfico do ensino fundamental por meio de metodologias próprias da geografia escolar.

O que se pretende com o ensino e metodologia da Geografia, sob o ponto de vista da essência da percepção é que a essência na existência humana, no “mundo” não pode ser compreendida senão a partir do que se vai conhecer por meio de sua “facticidade”. É a filosofia de que o mundo está “ai”, é a exposição do espaço, do tempo e do “mundo vivido” e é um dos problemas questionados por Russerl (1986, p. 21) sobre a “questionabilidade do conhecimento”. Como os estudantes de pedagogia percebiam/percebem a ciência geográfica enquanto estudo? Quais são os propósitos para o ensino dos fundamentos metodológicos da geografia? Os instrumentos de ensino são fatores facilitadores da aprendizagem? Ocorreram mudanças ou evolução no conhecimento de como aprender/ensinar geografia? Qual é o papel do professor na contemporaneidade?

Para contribuir com o tema pesquisado foi realizado levantamentos de dados, por meio de questionários semiestruturados e depoimentos escritos por parte dos estudantes de Pedagogia. E, mediante essas contribuições tentou-se compreender um pouco sobre o tema a fim de tecer reflexões que visem contribuir para a construção de uma metodologia contextualizada e socializante na formação do cidadão.

Esse trabalho se justifica em razão da necessidade de estimular os futuros pedagogos no desenvolvimento de práticas diferenciadas que possam ser utilizadas para o ensino de Geografia, na educação básica, uma recomendação primeira dos Parâmetros Curriculares (1997) e na atualidade do Currículo Referência do Estado de Goiás (2013).

1. O percurso da geografia: algumas considerações

O pensamento reinante nas escolas de pensamento da Geografia alemã, francesa e na Geografia americana impregnaram na geografia escolar em distintos momentos históricos,

resquícios de uma Geografia essencialmente tradicional, que incitava no indivíduo a compreensão da realidade considerando a forma de ensino muito particularizado e desconsiderando as interações existentes do quadro físico e a apropriação deste com a sociedade. Conforme argumentos apontados:

Em meados da década de 50, a Geografia tradicional, ou melhor, as tendências tradicionais da Geografia buscavam compreender o espaço geográfico por meio das relações do homem com a natureza passaram a ser questionadas em várias partes do mundo e, nas décadas seguintes, também no Brasil (Pontuschka, Paganelli, Cacete, 2009, p. 44-45).

A base da educação geográfica escolar teve a princípio uma grande influência da escola francesa de Geografia, pois até a década de 1930, não existia no Brasil escolas de formação específicas de professores de Geografia. Àquela época lecionava Geografia pessoas egressas de outras faculdades (advogados, médicos, seminaristas e engenheiros). Essa condição para a ciência geográfica trouxe um determinado empobrecimento não beneficiando nem a compreensão lógica e tão pouco, o uso de metodologias, pois o livro didático era usado na íntegra em uma prática recorrente. Os Parâmetros Curriculares Nacionais-PCNs (1997) indicam que houve uma grande contribuição da escola francesa que teve como precursor Vidal de la Blache e para o desenvolvimento da geografia escolar as explicações objetivas e quantitativas tiveram também, a marca do pensamento geográfico francês carregado das condições que uma ciência deveria ser: asséptica, não-politizada com argumentação neutra do discurso científico, ou seja, as condições da “lei dos três estados” que marcaram o pensamento de Comte (1987) e que se tornariam as bases filosóficas da evolução do pensamento positivista como o teológico, o metafísico e o positivo.

O estudo da geografia escolar caminhou nessa seara e credita o que se coloca como uma filosofia do real, que segundo Triviños (1987, p. 36), “o positivismo não aceita outra realidade que não sejam os *fatós*, *fatós* que possam ser observados”.

Sabe-se que nem todos os *fatós* do mundo material correspondem aos estados mentais, e nem à realidade social. E, a ciência geográfica formulava as leis gerais de interpretação positivista e essa tendência foi-se desdobrando em correntes que dominaram a geografia escolar, por muito tempo no Brasil adotando-se a terminologia Geografia Tradicional. Essa, com o passar do tempo tornou-se insuficiente para explicar a apreender a complexidade da

ciência e afirmam os PCNs (1987) que os estudos empíricos tornaram-se insuficientes para valorizar o papel do homem como sujeito histórico; elaborar análises da produção do espaço geográfico; estudar a relação homem-natureza sem priorizar as relações sociais dentre outros assuntos relacionados ao pensamento geográfico.

O mundo mudou após a 2ª Guerra Mundial e a ciência necessitava de avanços substanciais para acompanhar as demandas que iam surgindo e no meio escolar não seria diferente. A complexidade que rondava a geografia escolar precisava tomar novos rumos, novos ares e o que corresponderia ao gosto de novas tendências e correntes que prometiam modernizar a geografia.

A ordem mundial, política/econômica, a sociedade, a ideologia, o meio técnico científico ganharam força para o desenvolvimento na pesquisa geográfica. Tomou-se como ponto de apoio para a pesquisa e estudo do espaço local/global, o que se ofertava o meio técnico científico e, também as influências tecnológicas aeroespaciais foi utilizado, no que se denominou como SIG -, sistemas geográficos de informações.

E a ciência geográfica avança por volta dos anos de 1950 e bebe como água sagrada, os conhecimentos vindos do livro *Quantitative Geography* (1966) dos geógrafos teóricos Cole e King, que segundo Lamego (2014, p. 02) era a “verdadeira bíblia da geografia quantitativa entre os geógrafos brasileiros”. Era o grande encontro da Geografia quantitativa brasileira com a Geografia quantitativa norte-americana. Para os geógrafos quantitativos a Geografia deveria ser ativa por meio do conhecimento científico para que ocorresse o desenvolvimento social e econômico do Brasil.

Na década de 1960, contrapondo-se à chamada Geografia Tradicional aparece no cenário, outra tendência carregada de fortes influências marxistas, que tem como base o homem, a política e a natureza. Esses três aspectos têm na filosofia marxista vários vieses dentro da linha do pensamento do materialismo filosófico.

O socialismo tornou-se o contraponto do capitalismo colocando em cheque o pensamento, devido os grandes contrastes da distribuição social da riqueza, os confrontos gerados entre os países ricos e pobres. Passou-se a perceber a forma exploratória que acometia os países pobres acabando, portanto, com a visão ingênua de que o mundo era desigual porque isso era natural entre a humanidade e que se podia sim, questionar as ideologias e as forças opressoras. A geografia escolar toma para si, esse pensamento, em que as raízes dos

problemas sociais, políticos, econômicos, ideológicos tinham então, como pano de fundo, a história.

Os conteúdos geográficos ganharam espaços políticos e a geografia escolar ocupa-se significativamente na formação do cidadão influenciando-o para que se tornasse um ser humano crítico e não mais alienado, do que ocorresse no contexto da vida cotidiana. Mas contradições se fizeram presentes, pois os significados próprios da proposta de Karl Max, não conseguiram abranger os aspectos relacionados à geografia, mesmo que esta apresentasse como a que mais efetivamente produzisse trabalhos científicos na área da Geografia, nos anos de 1980 e 1990, principalmente (PCN, 1998, p. 22).

Na contemporaneidade, a Geografia faz abordagens subjetivas pautando-se nas singularidades humanas rompendo em parte, com o positivismo e marxismo ortodoxo e busca um espaço mais humanizado. É a Geografia humanística ou comportamental, a Geografia da percepção que busca auxílio na psicologia criando sua base teórico-metodológica preocupada em resgatar o ser humano, no estudo geográfico retirando-o de sua qualidade numérica. Afirma Kozel e Filizola (1996, p. 07) “pois ele havia se transformado apenas em mais um dado numérico a ser computado -, essa corrente introduz em seus procedimentos metodológicos investigações sobre a maneira como as pessoas sentem o espaço em que vivem e como se relacionam com ele”. Os estudos se baseiam na maneira como os seres humanos se comportam no espaço vivido e chegam até as alterações mais amplas dos estudos sobre o lugar.

Depois que se apreende como a ciência geográfica fez seu percurso histórico teórico-metodológico é possível pensar em transformações que de uma forma ou outra essa tenta auxiliar a aprendizagem facilitando o percurso do aprendiz.

2. O pedagogo e a Geografia

A Lei de Diretrizes e Bases 9394/96 é explícita e abrangente no que se refere ao artigo 1, Título I que determina a vida sociocultural e a intencionalidade formativa da educação de uma maneira geral, bem como da educação básica como exercício de cidadania indo de encontro a processos metodológicos da Geografia.

Para isso há que se saber de uma fundamentação da ciência de uma forma ampla e ao mesmo tempo, particular no que diz respeito, aos processos metodológicos na aplicação da geografia escolar pelo professor.

A geografia é uma ciência do espaço que estuda a natureza, seu funcionamento e como a sociedade a utiliza no tempo por meio de suas relações culturais. Afirma Penteado (2008, p.44) que “o espaço ganha existência concreta, visível, palpável, tátil, no chão que pisamos, e que nos rodeia, na terra que habitamos.” Como também, o espaço tem “dimensão abstrata, não visível, não palpável” (p.45) que a mente humana possui, que é o espaço social do convívio e das distâncias sociais que são diferentes das distâncias geográficas.

Ora, sendo o pedagogo mediador do conhecimento torna-se necessário que esse saiba e considere os diferentes níveis de aprendizagem que perpassa o ensino, nas condições externas para que saiba explorar e ampliar o saber curricular dos educandos, sem deixar de lado as condições internas da aprendizagem. As condições externas e internas do estudante combinadas entre si são: os estímulos oferecidos e as internas, os aspectos cognitivos e comportamentais, que são diferentes de pessoa a pessoa.

O pedagogo ao tomar conhecimento da geografia escolar deve levar em consideração o aluno como um ser social, que trás saberes conquistado na vivência de seu “mundo” e na escola. Sendo o pedagogo aquele que possui a arte de ensinar e de como se ensinar é necessário, que ele conquiste por base científica seus alunos e faça efervescer, as práticas de ensino e o rendimento deles no que diz respeito aos objetivos educacionais, atitudinais e comportamentais propostos pela ciência em questão.

Comenta Gage (1985, p. 6) citado por Gauthier (2006) “o conhecimento das relações significativas possibilita aos professores basearem sua arte em algo mais do que o pressentimento, a emoção, a intuição, o ‘insight’ ou a experiência bruta.” Artisticamente, portanto, os pedagogos devem conduzir o seu trabalho em uma troca de representações por meio das percepções de novas experiências.

O que se torna necessário, na disciplina geografia escolar, bem como em qualquer disciplina é que o professor entenda que o trabalho docente não é “passar” a matéria do programa, indicada no livro didático. Essa perspectiva leva:

A metodologia do trabalho docente inclui, pelo menos, os seguintes elementos: os movimentos (ou passos) do processo de ensino no decorrer de uma aula ou unidade didática; os métodos, formas e procedimentos de docência e aprendizagem; os

materiais didáticos e as técnicas de ensino; a organização da situação de ensino. (Libâneo, 1994, p. 96).

A discussão sobre a metodologia do ensino de geografia deve pautar-se de forma clara e objetiva e os conceitos discutidos com clareza para que a compreensão e apreensão do espaço geográfico tenham seus significados definidos com simplicidade e com propriedades suficientes, no que diz respeito à aprendizagem fundamental, típicas das abordagens geográficas. As atividades significativas auxiliam os alunos a reelaborarem os saberes e os constitutivos do repertório geográfico e o pedagogo fazendo uso de procedimentos atrativos com uso de técnicas facilitadora do ensino.

Como também não se pode furta que o professor ao ensinar Geografia tenha consigo habilidade e competência de mobilizar os “equipamentos” mentais.

conforme o nível de aprendizagem do aluno, envolvem a aprendizagem e utilização de múltiplas habilidades, como, por exemplo, reconhecer, analisar, comparar, relacionar, classificar, deduzir, propor soluções, avaliar, verificar, perceber, entender, identificar, compreender e muitas outras, também essenciais a outras disciplinas (Selbach, 2010, p. 97).

As competências para o ensino básico que o professor de Geografia deve possuir para envolver os alunos e levá-los a uma maior compreensão ao ensinar Geografia perpassam pelo domínio da linguagem dos textos, mapas, diagramas, gráficos; compreensão e interpretação dos fenômenos conectando o conteúdo aprendido e contextualizando-os; a interpretação correta dos fenômenos sobre algum fato geográfico buscando soluções para tais; desenvolvendo argumentos e se posicionando perante o fato baseando-se nos conhecimentos adquiridos e elaborando propostas para resolver uma determinada situação.

As ferramentas e meios devem ser utilizadas para explorar leituras e desenvolver a cartografia por meio da verdadeira alfabetização cartográfica. Ao perceber a diferença entre fenômenos geográficos e outros interligá-los à realidade conectando-os ao mundo em que vive; solucionar e argumentar com pensamentos lógicos uma conclusão percebendo as múltiplas posições em um mesmo fato geográfico (Selbach, 2010, p. 98-99). Os Referenciais Curriculares norteadores da educação básica do Estado de Goiás são incisivos ao determinar sobre a importância da cartografia em todos os níveis escolares.

As esferas da subjetividade e da objetividade são típicas do tratamento do ensino escolar da geografia e o pedagogo deve se preparar de maneira que possa desenvolver com habilidade e competência os objetivos do ensino escolar adaptando-se constantemente às circunstâncias particulares que surgem em sala de aula.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

Para o levantamento dos dados qualitativos desta pesquisa foi aplicado junto aos estudantes de Pedagogia do turno matutino e noturno de uma Instituição de Ensino Superior Privada, Faculdade Padrão, quarenta e oito (48) questionários semiestruturados, dos quais escolhidos aleatoriamente entre os estudantes, que contribuíram com a pesquisa que tem por objetivo entender como o futuro pedagogo compreende os desafios, as oportunidades e as possíveis formas de contribuição da disciplina geográfica para o desenvolvimento cognitivo e afetivo do discente para com a ciência geográfica e apreender o conteúdo geográfico do ensino fundamental por meio de metodologias próprias da geografia escolar.

No que tange à faixa etária do universo investigado, dezenove (19) estudantes possuem idades entre vinte e vinte e cinco anos (20 a 25), outros dezoito (18) estudantes entre vinte e cinco e trinta anos (25 a 30), entre trinta e cinco e quarenta anos (35 a 40) 09 estudantes, 05 estudantes entre (45 a 50 anos) e apenas 02 estudantes possuem mais de 50 anos. A maioria dessas pessoas, quarenta e três (43) é do gênero feminino três (03) do gênero masculino e outros dois (02) não responderam.

Do total dos quarenta e oito (48) estudantes investigados, vinte e seis (26) desses estudam no turno matutino e outros vinte e dois (22) no período noturno e na sua maioria são trabalhadores da educação.

Quando questionados se consideram a Matriz Curricular do Curso de Licenciatura em Pedagogia é consistente para o ensino que hoje a escola necessita, trinta e um (31) estudantes disseram que sim, outros treze (13) consideram que não e que a Matriz precisa nesse sentido ser repensada, e outros quatro (04) não responderam. Dentre os estudantes que consideraram a Matriz consistente, dois (02) ressaltam em suas respostas que apesar de considerarem a Matriz satisfatória acreditam ser necessária a revisão de cargas horárias das disciplinas de Fundamentos e Metodologias de Geografia, História e Ciências.

As doutrinas pedagógicas alicerçam as bases da educação que envolvem a sociedade e a perspectiva das matrizes curriculares perpassam por linhas que delineiam o papel da escola no desenvolvimento e prática dos conhecimentos e saberes. Segundo Moreira (1990) apud Franklin (1990, p. 32) “o estudo do controle social subjacente a uma teoria implica a identificação do interesse no qual ela se baseia.” Possui necessariamente o nível teórico e o político em que o olhar volta-se para a ciência social e o outro para o da política. E a estrutura da matriz curricular mesmo possuindo os dois momentos que podem divergir, é o político que determina os rumos possíveis para o controle social e que geralmente não há correspondência entre si, ou seja, “as propostas apoiadas pelos especialistas em currículo das universidades e as práticas que na realidade têm ocorrido nas escolas” (Franklin, 1986b, p.3).

Questionados sobre quais são os propósitos para o ensino dos fundamentos metodológicos da geografia, vinte e oito (28) acadêmicos disseram que tal disciplina cumpre os objetivos descritos a seguir: proporcionar ao estudante subsídios básicos no conhecimento da ciência geográfica e valorizar a formação e profissão docente. Oito (08) estudantes disseram que cumpre à disciplina valorizar as novas abordagens como um processo permanente para o desenvolvimento da capacidade reflexiva, crítica e criativa.

Dois (02) estudantes responderam que apenas a disciplina objetiva a “valorização docente”, enquanto três (03) ficaram divididos, quanto aos objetivos dizendo que esses estão a “proporcionar ao estudante subsídios básicos no conhecimento da ciência geográfica” e também “valorizar as novas abordagens como um processo permanente para o desenvolvimento da capacidade reflexiva, crítica e criativa” e apenas dois (02) estudantes não responderam a questão.

Para essa questão pode-se pensar que ensinar os fundamentos e metodologia da Geografia como comenta (Selbach, 2010, p. 33) é “contemplar os avanços comuns a todas as ciências da terra e do homem, do estudo do cérebro e da conquista tecnológica.” Os estudantes de pedagogia devem estar preparados para entender a construção de paisagens e lugares, saberes advindos da formação profissional para o magistério. A geografia que deve ser ensinada hoje é a do bom-senso e que ensine a pensar.

Como a questão acima apontava um rol de objetivos propostos para a disciplina Fundamentos e Metodologia de Geografia pediu-se ainda para aqueles que consideram todos os objetivos elencados, argumentar sobre as principais mudanças que ocorrem com ele no contato com a disciplina em tela.

Assim, dezesseis (16) estudantes disseram que a disciplina proporcionou subsídios básicos para entender como se ensina geografia; outros nove (09) argumentaram que foi possível ampliar a produção do conhecimento para a atividade de Pesquisa na geografia.

Doze (12) alunos argumentaram que a disciplina contribuiu para o reconhecimento do local/global. Outros onze (11) apontaram que a disciplina permitiu compreender a geografia como ciência da Sociedade e da Natureza e outros oito (08) estudantes disseram que a disciplina atende as diretrizes propostas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998). O comprometimento da ciência geográfica, enquanto uma ciência dinâmica é o de despertar por meio de claras explicações a compreensão do mundo para que o aluno se situe no conjunto das transformações locais e globais (p. 87).

Se houve um consenso a respeito da contribuição da ciência dir-se-á que ensinar geografia é uma via de mão dupla, pois está próxima a do aprender, é a transformação por meio do conhecimento. Repetindo Selbach (2010, 40) “já se mostrou que o verdadeiro conhecimento não vem de fora e, dessa forma, não se justifica professores que, com enfadonhos discursos, ficam expondo ideias e teorias, exigindo que os alunos as assimilem.” Repetir palavras não significa entender geografia, decorar muito menos. A Geografia é a ciência que necessita que os estudantes saibam confrontar e ressignificar as informações e transformá-las em conhecimentos.

Dos vinte (20) acadêmicos que argumentaram sobre a disciplina e se essa permitiu identificar a interdisciplinaridade proposta para o Ensino de geografia na fase inicial do ensino disseram que sim. Outros dez (10) argumentaram que as atividades escritas tiveram papel relevante para o desenvolvimento cognitivo e sete (07) consideram a linguagem cartográfica importante para o estudo do espaço e do meio geográfico e outros dez (10) não se manifestaram.

É, portanto fundamental que as aulas devam ser instigantes com produções práticas para uma melhor assimilação dos conteúdos sobre os temas estudados, resgatando o pleno significado do que o estudo propõe, com vocabulário e ideias fazendo sentido a ciência geográfica para quem aprende e com isso determinando a diferença entre o que se “informa” e o “conhecimento.”

Quando questionados se a Faculdade proporciona instrumentos para facilitar a aprendizagem às respostas foram unânimes, pois quarenta e sete (47) dos estudantes responderam: que a instituição não tem internet Wifi nas salas de aula e apenas 02

computadores funcionam para os alunos dentro o universo de mais de cem; não existem mapas de parede nas salas de aula e os globos terrestres ficam à disposição apenas no Laboratório de ensino/aprendizagem e que a biblioteca não disponibiliza de muitos livros didáticos voltados para as especificidades das metodologias de ensino e que não existem Atlas na biblioteca. Apenas um (01) estudante não respondeu às questões.

Sabe-se que os recursos didáticos são essenciais para um estudo concreto, principalmente em se tratando da formação de professores que vão estar em contato direto com estudantes do ensino básico. A recomendação dos PCN's (1998, p. 135) é que se “problematizem os diferentes espaços geográficos materializados em paisagens, lugares, regiões e territórios; que disparem relações entre o presente e o passado, o específico e o geral, as ações individuais e as coletivas.” E explica também, da necessidade de procedimentos que auxiliem a “ler” as paisagens e os lugares.

Sobre qual é o papel do professor na contemporaneidade, vinte e três (23) estudantes responderam que é o de levar o aluno a construir seus conhecimentos geográficos por meio de uma leitura crítica e de diálogo contínuo sobre a realidade, considerando também que é ensinar o aluno a questionar e buscar soluções por meio de uma reflexão ajudando-o a compreender cientificamente questões muitas vezes tratadas no senso comum como verdadeiras, ou seja, cheia de credices e lendas.

Outros onze estudantes argumentaram que o papel do professor na contemporaneidade consiste em incentivar o aluno a observar a paisagem e o lugar e tudo o que nela contém para poder analisá-la e buscar respostas sobre as hipóteses levantadas.

Concomitantemente, quatro (04) estudantes disseram que o papel do professor na contemporaneidade é ter certeza que a aprendizagem deve envolver a compreensão do que é estudado, e mais quatro (04) disseram que cumpre ao professor auxiliar o aluno a desvelar a linguagem geográfica inclusive a cartográfica, que geralmente é impregnada de significados, de saberes, de emoções, de afetos e preconceitos precisando ser desvelados por meio da reflexão geográfica para entender o mundo à sua volta e a partir analisar o mundo em um contexto mais amplo.

Do universo pesquisado, seis (06) estudantes não apontaram nenhuma resposta, a respeito de qual seja, o papel do professor na contemporaneidade.

Perguntou-se ainda aos estudantes de Pedagogia, se no contato com a disciplina Fundamentos e Metodologia da geografia o mesmo observou mudança ou evolução, no que

diz respeito ao conhecimento da ciência geográfica, quanto ao aspecto: Os conteúdos didático-pedagógicos estão diretamente relacionados ao campo da prática profissional? Trinta (30) deles afirmaram que sim, que foi possível constatar tal evolução. Pois a princípio, a noção que geografia era uma ciência que se aprendia resumindo capítulos do livro didático ou a copiar perguntas do quadro e respondê-las no caderno para que o professor da disciplina pudesse emitir notas enquanto avaliação.

Os outros dezoito (18) estudantes que totalizam o universo pesquisado disseram que os conteúdos estão ligados à explicitação no sentido da existência humana, individual, com sensibilidade pessoal e social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo-se do pressuposto de que os fundamentos e a metodologia do ensino de geografia deva ser um referencial e um caminho para o estudante de Pedagogia é necessário que esse a entenda de forma clara, objetiva e prática, apreendendo alguns conceitos fundamentais dessa ciência e dialogando e a contextualizando.

A ciência, portanto se tornará acessível e compreendida numa perspectiva que corresponda a uma satisfação do estudante, quando por meio de atividades significativas há que se pensar em propostas compatíveis com soluções que ela pode apresentar para o mundo vivido e sentindo que a mesma possui uma ação social válida e de que os conteúdos programáticos são voltados para o universo da vida da qual participa.

A Geografia é um instrumento que auxilia não apenas a conhecer o planeta Terra, mas os seres humanos a se conhecerem e se compreenderem melhor e que o espaço é o palco dos acontecimentos do tempo e de se descobrir para onde a humanidade caminha em suas múltiplas relações.

Quando os estudantes de Pedagogia compreendem a diversidade que se apresenta a ciência geográfica e que com ela se pode “viajar” é como encontrar tesouros de um mundo desconhecido que não é bem aquilo que se propõe, muitas vezes na escola: decorar/memorizar e sim construir seu próprio percurso em uma articulação entre teoria e prática.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Roberto Cavalcanti. Educação e modernidade. In: Educação e modernidade. São Paulo: Nobel, 1993.

BRASIL. Secretaria de Educação do Ensino Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: geografia. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

FRANKLIN, B. M. Building the american community: the curriculum and the search for social control. Lewes, 1986b.

GAGE, N. L. Hard gains in the soft sciences: The case of pedagogy. Bloomington. In: Phi Delta Kappa's center on evaluation. In: GAUTHIER, Clermont , et al. Por uma teoria da pedagogia. 2 ed. Ijuí: Ed. Inujui, 2006.

KOZEL, Salete; FILIZOLA, Roberto. Didática da Geografia: Memórias da Terra, o espaço vivido. Coleção Conteúdo e Metodologia 1ª a 4ª. São Paulo: FTD, 1996.

LAMEGO, Mariana. O IBGE e a geografia quantitativa brasileira: construindo um objeto imaginário. Terra Brasilis Revista da Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica, p. 02, 2014. <http://terrabilis.revues.org/1015>

LIBÂNEO, José Carlos. DIDÁTICA. Col. Magistério, São Paulo: Cortez, 1994.

MOREIRA, Antônio Flávio B. Currículos e programas no Brasil. 13 ed., São Paulo: Papirus, 1990.

PENTEADO, Heloísa Dupas. Metodologia do ensino de História e Geografia. 2. ed., São Paulo: Cortez, 2008.

RUSSERL, Edmund. A ideia da fenomenologia. Portugal, Lisboa: Edições 70, 1986.

SELBACH, Simone (sup. geral). Geografia e didática. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. Introdução á pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.